

A oralidade e a folkcomunicação: uma questão metodológica ¹

Maria Paula Maciel²
Universidade de São Paulo - USP

RESUMO

Esta pesquisa analisa a oralidade como processo de comunicação *folk*, integrando a bricolagem qualitativa entre o pesquisador conversador (Spink, 2008) e a oralitura (Martins, 1997), com foco na transmissão de saberes populares. Baseada na experiência de campo da dissertação “Pelas ruas, eu vou: o carnaval do Recife e Olinda como *lieu de mémoire* urbano” (Maciel, 2025), o estudo tenciona teoria e práxis ao lidar com elemento humano, apontando possíveis caminhos metodológicos para a folkcomunicação quando questões de oralidade.

PALAVRAS-CHAVE: Folkcomunicação; Pesquisa de Campo; Metodologia; Oralitura; Pesquisador Conversador.

INTRODUÇÃO

O cotidiano é percebido como um espaço de produção e reprodução de saberes, práticas e seus significados, os modos de ser e se comunicar. Esses, constituem a vida social. Quando relacionado a pesquisa qualitativa, o cotidiano é percebido como parte da pesquisa de campo. Nela, existe a busca para compreender dinâmicas sociais, culturais e comunicativas que emergem dos micro lugares, ou seja, os pequenos espaços sociais onde essas interações humanas ganham forma e sentido (Spink, 2008).

Na pesquisa da Psicologia Social, o cotidiano é observado pelo personagem do Pesquisador Conversador, metodologia de campo criada pelo britânico radicado brasileiro Peter Spink. Durante a minha pesquisa de campo, reparei nas intersecções entre esse “personagem” e o Líder de Opinião, parte essencial da metodologia observada na pesquisa em Folkcomunicação.

Na pesquisa em folkcomunicação, o Líder de Opinião (Beltrão, 2014) é um agente que influencia e media a circulação de informações e valores dentro de uma comunidade, atuando como um elo entre o local e o global, o tradicional e o moderno. Já o Pesquisador Conversador tem o papel de conviver e compreender as pautas dos micro lugares, tornando-se não um porta-voz, mas um facilitador de diálogos que valorizam os saberes populares. Essa figura não busca impor uma visão externa, mas

¹ Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho Folkcomunicação e Cultura Popular, evento integrante da programação do 28º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, realizado de 15 a 17 de maio de 2025.

² Mestranda em Estudos Culturais pelas Escola de Artes Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo. Graduada em Comunicação Social pela Universidade Católica de Pernambuco. E-mail: mariapaulamaciel@usp.br

sim construir conhecimento de forma colaborativa, respeitando e integrando as perspectivas dos sujeitos da pesquisa.

Nessas interações de campo, onde em muitas delas o Líder de Opinião e Pesquisador Conversador atuam em uma posição parecida, os encontros com a população do micro lugar configuram, muitas vezes, um cuidado extremo para não reproduzir o *folkway*. Essa titulação, na pesquisa inicial de Luiz Beltrão – precursor da Folkcomunicação – é direcionada a como uma elite, inclusive intelectual, pode vir a possuir o *folkway* das classes menos abastadas. Em outras palavras, aqueles que possuem o conhecimento e poder para gerar teses e antíteses, enquanto a camada popular continua como mera expectadora midiática (Gobbi, 2008).

Dentro dessa interação, outra área inconscientemente reproduz conceitos folkcomunicativos, dessa vez no campo das Letras. Entre as décadas de 1990 e 2000, a ensaísta e pesquisadora brasileira Leda Maria Martins realizou estudos que frutificaram em duas pesquisas: “Afrografias da memória: o Reinado do Rosário do Jatobá” (1997) e “Performances da oralitura: corpo, lugar da memória” (2003), onde introduziu o conceito da oralitura.

Em sua definição mais simples, a oralitura pode ser percebida como uma forma de expressão cultural que está no espaço-entre a oralidade e a escrita. Nessa prática não apenas habita a transmissão oral, mas a performance, a memória e a corporeidade, elementos essenciais para preservação e recriação dos saberes populares (Martins, 1997).

Esse formato de pesquisa permite uma informalidade pouco explorada na maioria das escolas do Brasil uma vez que permite a participação do pesquisador como personagem ativo através do personagem narrador. Isso foi observado tanto nas pesquisas de Martins, como na pesquisa de Menezes (2024), que observou corpos *queer* no teatro paulista, colocando-se como personagem narrador na plateia e nas entrevistas. Esse método foi adotado por mim, durante minha pesquisa de campo. Motivo pelo qual exerço a escolha arriscada de escrever o presente resumo expandido na primeira pessoa.

De toda forma, foi apenas a partir da liberdade da oralitura e pesquisador que “conversa”, que notei o quanto essas práticas de áreas divergentes da Comunicação podem ser trazidas para seu contexto. Durante o campo da minha pesquisa, fiz

anotações por fora dela, onde compreendi a interação de campo como um processo de comunicação folk, no qual a oralidade está centralizada.

Esta pesquisa parte do questionamento sobre como a experiência de campo, enquanto prática metodológica, pode ser aplicada ao estudo da folkcomunicação, especialmente no que diz respeito à oralidade. O objetivo geral é **compreender como a interação entre o pesquisador (como "pesquisador conversador") e os sujeitos da pesquisa (por meio da oralidade e da "oralitura") pode ser conduzida metodologicamente na perspectiva da folkcomunicação**. Para isso, busca-se: (1) analisar as intersecções e diferenças entre o líder de opinião (Beltrão, 2014) e o pesquisador conversador (Spink, 2008); (2) identificar caminhos metodológicos para futuras pesquisas com foco na oralidade; e (3) refletir sobre a oralitura como ferramenta de pesquisa nos processos de comunicação popular.

O objeto empírico centra-se na experiência de campo com manifestações culturais que envolvem, sobretudo, o corpo além da fala. A intenção final é renovar a prática metodológica em pesquisas com saberes populares, promovendo uma interação mais efetiva entre pesquisador e sujeitos, além de consolidar a oralitura como ferramenta essencial na folkcomunicação. Dessa forma, o estudo visa contribuir para abordagens que valorizem a dimensão performática e colaborativa da comunicação popular, sem reduzi-la a meros registros discursivos.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A oralidade, enquanto fenômeno comunicativo, ocupa um lugar central na folkcomunicação, não apenas como meio de transmissão de informações, mas como um processo dinâmico que envolve performance, corporeidade e memória coletiva. Nas comunidades tradicionais, a oralidade é uma prática cultural que se realiza muitas vezes de forma inconsciente, integrando-se ao cotidiano e às expressões populares.

A comunicação brasileira é marcada por uma disputa onde coexistem um Brasil hegemônico, representado pelas elites e meios de comunicação massificados, e um Brasil marginal, onde os saberes e práticas populares resistem através de formas próprias de expressão (Beltrão, 2014). Nesse contexto, a oralidade surge como um mecanismo de resistência cultural, permitindo que grupos excluídos dos meios de

comunicação dominantes preservem e transmitam suas histórias, tradições e identidades.

Compreende-se, então, que a folkcomunicação acontece no Brasil das bordas. Nela, a inteligência popular está nos braços do povo e é transmitida através da unidade sistemática do povo no contexto de diversos micro lugares. Esses são grupos que estão localizados no tempo-espço de uma realidade social, com dialéticas e dinâmicas próprias de comunicação, comumente realizada através de fenômenos culturais, religiosos e/ou ideológicos (Amphilo, 2012). A dinâmica apresentada revela que questões de oralidade não devem ser vistas apenas como um meio de transmissão, mas a partir de um processo de construção e ressignificação de saberes, onde a memória coletiva, práticas culturais e meios de comunicação se entrelaçam.

A metodologia da oralidade na folkcomunicação baseia-se na observação e interação direta com os sujeitos de pesquisa, através de depoimentos orais como fonte primária de informação. Essa escolha metodológica foi justificada pela noção de que a oralidade "corre como nas asas do vento", ou seja, é uma forma de comunicação fugaz, mas essencial para a preservação e transmissão dos saberes populares (Beltrão, 2014).

Nessa realidade, o depoimento oral é essencial porque, como a própria mídia exclui o povo, as respostas que Beltrão procurava sobre a comunicação popular não seriam encontradas nos meios de comunicação massificada. Foi a partir da pesquisa de dados primários que ele chegou à conclusão de que as formas de expressão se firmam em costumes e práticas advindas dos antepassados e, uma vez conservadas pela tradição oral, viraram instinto de preservação de suas histórias.

Na metodologia comumente proposta, o campo é realizado em três passos: selecionar os agentes, estudar a linguagem por eles utilizada e interpretar suas práticas. Esse método revela a importância do estudo das práticas culturais para a folkcomunicação, pois é através delas que as representações simbólicas se expressam de forma informativa, interpretativa e opinativa, utilizando linguagens e códigos inteligíveis àquele grupo social (Amphillo, 2011).

Em outras palavras, as classes sociais excluídas da cobertura midiática desenvolveram, naturalmente, meios próprios de expressão que podem fazer-se entender, organizando uma consciência comum. O folclore, nesse sentido, surge como elemento de aproximação e coesão, sendo a tribuna em que o povo se faz ouvido.

Dentro desse mesmo tipo de realidade, tanto o Pesquisador Conversador quanto a oralitura pode ser adotado como uma prática metodológica do campo na pesquisa da folkcomunicação, ao menos é o que essa pesquisa a ser apresentada pretende argumentar.

Nesse sentido, o Pesquisador Conversador deve ser considerado uma figura central no processo, atuando como um mediador entre o universo acadêmico e os saberes populares. Ao adotar uma postura de escuta ativa e diálogo, o pesquisador conversador busca construir conhecimento de forma colaborativa, respeitando e integrando as perspectivas dos sujeitos da pesquisa (Spink, 2008).

Essa abordagem pode ser considerada relevante para práticas futuras da folkcomunicação, pois permite que o pesquisador se aproxime das práticas culturais populares sem impor visão externa. Observar camadas populares – estando ou não incluso nela – pode expor informações valiosas que apenas conversa com os expoentes de práticas culturais não venham a revelar, dado que o Pesquisador Conversador não é um mero observador mas um participante ativo no processo de construção de conhecimento, capaz de captar as nuances da oralidade e da corporeidade que caracterizam a comunicação popular (Spink, 2008).

Aliado ao Pesquisador Conversador, a oralitura, como proposta por Leda Maria Martins (1997), oferece uma ferramenta teórica e metodológica para repensar a relação entre o pesquisador e os sujeitos da pesquisa. Ao integrar a oralidade, a performance e a corporeidade, a oralitura permite que o pesquisador explore as formas de expressão popular de maneira mais sensível e participativa.

A experiência de campo, enquanto prática metodológica, revela-se essencial para compreender a complexidade da comunicação popular. Ao adotar uma postura de pesquisador conversador, o investigador pode explorar as formas de expressão oral e corporal que caracterizam a folkcomunicação, integrando-as ao processo de pesquisa. Essa abordagem permite que o pesquisador não apenas observe, mas também participe das práticas culturais, criando um diálogo mais profundo e significativo com os sujeitos da pesquisa. Como observado por Beltrão (2014), a folkcomunicação é realizada muitas vezes de forma inconsciente pelos envolvidos, mas pode ser captada e analisada a partir de uma metodologia que valoriza a escuta ativa e a participação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A oralidade na folkcomunicação transcende a mera transmissão de informações, integrando fala, performance, corporeidade e memória coletiva. A oralitura (Martins) e o Pesquisador Conversador (Spink) oferecem ferramentas para explorar essas interações de forma sensível, tensionando-as com a teoria de Beltrão. Isso permite repensar a relação entre pesquisador e saberes populares, destacando metodologias que valorizem a oralidade como eixo central. O estudo não propõe um modelo rígido, mas estimula reflexões sobre novas abordagens metodológicas, visando enriquecer a pesquisa em folkcomunicação e beneficiar tanto acadêmicos quanto comunidades. Ao unir teoria e práxis, busca-se renovar o estudo da comunicação popular, enfatizando a colaboração entre pesquisador e sujeitos, e abrindo caminhos para investigações futuras que respeitem e amplifiquem as expressões culturais marginalizadas.

REFERÊNCIAS

AMPHILO, Maria Isabel. **Folkcomunicação e cultura popular: diálogos e resistências**. Anuário Unesco/Metodista de Comunicação Regional, Ano 15 n.15, p. 193-212 jan/dez. 2011. Disponível em: <https://core.ac.uk/download/pdf/229070312.pdf>.

AMPHILO, Maria Isabel. **Folkcomunicação e as teorias sociais**. Razón y Palabra, núm. 80, agosto-outubro, 2012 Universidad de los Hemisferios Quito, Ecuador

BELTRÃO, Luiz. **Folkcomunicação: o estudo dos agentes e dos meios populares de informação de fatos e expressão de ideias**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2014.

GOBBI, Maria Cristina. **Folkcomunicação e folkway: reflexões sobre a apropriação dos saberes populares**. São Paulo: Annablume, 2008.

MARTINS, Leda Maria. **Afrografias da memória: o Reinado do Rosário do Jatobá**. São Paulo: Perspectiva, 1997.

Martins, L. M. **Performances da Oralitura: corpo, lugar de memória**. *Letras*, (26), 63–81. 2003. <https://doi.org/10.5902/2176148511881>.

MENESES, Emerson Silva. **Transmediadoras do macho astral: ativismos das dissidências de gênero por artistas travestis**. 2024. Tese (Doutorado em Mudança Social e Participação Política). Universidade de São Paulo, São Paulo, 2024.

SPINK, Peter. **O pesquisador conversador no cotidiano**. *Psicologia & Sociedade*, v. 20, n. spe, p. 70-77, 2008. Disponível em: <https://repositorio.fgv.br/items/e948ea25-4002-41c7-954a-224afe24820e>